Magazine Europa Catarina Domingues
13.06.2017

I.

Primeiras eleições legislativas no Reino Unido depois do referendo para o Brexit. Theresa May perde a maioria absoluta. Neste programa analisamos o que poderá significar um possível acordo entre os conservadores e os unionistas da Irlanda do Norte.

O Banco Central Europeu reviu em alta o crescimento da Zona Euro. A previsão para 2017 é agora de 1,9%, uma décima acima da análise de Março. Olhamos também para compra do Banco Popular pelo Santander por 1 Euro.

Nesta edição ainda: União Europeia doa mais de 50 milhões de euros para constituição de nova força militar africana para combater o terrorismo.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa

"Parlamento em suspenso". Os britânicos chamam de *Hung parliament*, o que significa que nenhum dos partidos políticos representados no parlamento tem maioria absoluta.
Este é o cenário no Reino Unido, que foi às urnas nas primeiras eleições legislativas realizadas no país após o referendo do Brexit.
A primeira-ministra Theresa May venceu a votação, mas perdeu a maioria parlamentar.
Elegeu 318 deputados, ficou sem 13 mandatos.
Perante os resultados, a líder dos conservadores fez mesmo um pedido de desculpas.

Theresa May:
[*Eu queria alcançar uma maioria absoluta, mas não foi esse o resultado que conseguimos e lamento por todos os candidatos e trabalhadores esforçados do partido, que não tiveram sucesso. Também lamento especialmente pelos colegas, que eram membros do parlamento e ministros e que contribuíram tanto para o nosso país e que perderam os seus lugares sem o merecerem*]

Mas mesmo sem a maioria parlamentar, May visitou a rainha Isabel II e propôs a formação de Governo.
A novidade é que o Partido Democrático Unionista da Irlanda do Norte já disse que aceita apoiar o futuro executivo conservador no parlamento com os dez deputados que elegeu.
Quanto ao partido trabalhista, liderado por Jeremy Corbyn, alcançou o segundo lugar, com a eleição de 262 mandatos. Representa uma

subida de 30 lugares em comparação com as últimas eleições legislativas.
Para Corbyn, Theresa May perdeu a confiança dos britânicos.

Jeremy Corbyn:
[A primeira-ministra pediu as eleições, porque ela queria um mandato. O mandato que recebeu é a perda de lugares conservadores, a perda de votos, a perda de apoio e de confiança. Acho que isso bastaria para ela sair, na verdade, e abrir espaço para um governo, realmente representativo de todas as pessoas deste país.]

Entretanto a Comissão Europeia já veio dizer que está "ansiosamente à espera" que comecem as negociações para o Brexit. Jean-Claude Juncker, presidente do executivo europeu, afirmou que espera que "não haja mais atrasos na conclusão das negociações".
Também a chanceler alemã, Angela Merkel, referiu que Berlim está pronta para iniciar a ronda de negociações.

Angela Merkel: *[Queremos respeitar o calendário de negociações e, por isso, não creio que, neste momento, haja qualquer obstáculo para que essas negociações não sejam concluídas como deve ser pelos 27 membros da União Europeia e pelas instituições europeias. Da parte do Reino Unido não ouvi o contrário]*

Ao telefone, a partir de Bruxelas, temos o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional baseado na capital belga.

ME: Victor, em relação a estas legislativas, pode dizer-se que Theresa May venceu mas não convenceu?

Victor Ângelo: *É verdade. Theresa May sai destas eleições de 8 de Junho como uma líder enfraquecida, profundamente contestada, quer no interior do seu partido, quer junto da opinião pública e do eleitorado britânico. E toda a gente diz que Theresa May é um líder com um prazo de validade muito curto, ou seja, é muito provável que em breve possa aparecer um novo líder dos conservadores e, por isso, um novo primeiro-ministro do Reino Unido e muito provavelmente novas eleições*

ME: O Partido Democrático Unionista da Irlanda do Norte é o protagonista inesperado neste cenário, com uma possibilidade de um acordo. Que preço terá Theresa May de pagar para se manter no governo?

Victor Ângelo: *Ela vai ter que procurar constantemente equilíbrios entre as personalidades muito controversas que são as grandes personalidades do seu próprio partido e, além disso, vai ter de chegar a um acordo com um partido, que é o partido unionista da Irlanda do norte, o DUP, que é um partido evangélico, um partido muito tradicional, em certa medida considerado um partido racista e sexista. Ela provavelmente vai ter que fazer concessões no que diz respeito à*

zona fronteiriça entre a Irlanda do Norte e a República da Irlanda e também certamente em relações a outros aspectos relacionados com o acordo de Brexit com a União Europeia.

ME: Nestas eleições, os trabalhistas foram os que mais cresceram. Esta é vista como uma vitória para Corbyn e para a social-democracia europeia?

Victor Ângelo:
As populações viram em Jeremy Corbin alguém que estava a responder às grandes interrogações actuais, que são as interrogações sobre a saúde, o que vai acontecer ao sistema de saúde, as considerações sobre as desigualdades sobre as questões do emprego e nomeadamente o emprego dos jovens e também as questões de solidariedade. Ele respondeu a essas questões de uma maneira clara e convincente e em certa medida isto vai transmitir aos partidos sociais-democratas europeus a ideia de que é preciso um novo tipo de linguagem, linguagem muito próxima das preocupações quotidianas das populações e também uma linguagem que permita dar esperança e combater a precariedade, a falta de solidariedade e a falta de perspectivas.

ME: Estes resultados podem influenciar as discussões do Brexit?

Victor Ângelo: *As negociações entre o Reino Unido e a União Europeia sobre o Brexit vão começar a 19 de Junho, ou seja, dentro de dias. Vão começar numa altura em que a situação política na Grã-Bretanha está extremamente confusa e, além disso, precária, frágil. Ou seja, vai ser muito difícil à União Europeia ter do outro lado da mesa um interlocutor com ideias claras e isso evidentemente torna a negociação difícil para ambos os lados*

E no domingo realizou-se também a primeira volta das legislativas francesas. O movimento "A República em Marcha", partido do recém-eleito presidente Emmanuel Macron conquistou 32% dos votos.
Em segundo ficaram os Republicanos, seguindo-se a Frente Nacional de Marine Le Pen.
A abstenção rondou os 50%. É a taxa mais alta dos últimos cinquenta anos.
A segunda volta está agendada para dia 18 deste mês.

III.

E o Banco Central Europeu reviu em alta as previsões de crescimento na Zona Euro e baixou as relativas à inflação.
A instituição presidida por Mário Draghi fez saber que, para 2017, prevê-se um crescimento do Produto Interno Bruto na Zona Euro de 1,9%, em vez dos anteriores 1,8%.
Já as estimativas para o ano que vem passaram para 1,8%, subindo uma décima em relação à previsão anterior.
No que diz respeito a 2019, espera-se um crescimento de 1,7% em vez de 1,6.

Ainda de acordo com o Banco Central Europeu, prevêem-se também alterações nos números da inflação. Para 2017, estima-se uma inflação de 1,5%. Para 2018 é de 1,3% e em 2019 de 1,6%. Em Março, o Banco Central Europeu tinha antecipado uma inflação de 1,7% para 2017, de 1,6% para o ano seguinte e 1,7% para 2019.

ME: Victor, começamos pelas previsões do banco central europeu. Um maior crescimento da Zona Euro, uma baixa na inflação. São boas notícias?

Victor Ângelo: *O Banco Central Europeu tem desempenhado um papel muito importante no crescimento económico ao facilitar a compra de obrigações dos estados membros e das grandes empresas, ou seja, o Banco Central Europeu tem comprado a um ritmo de 80 mil milhões de euros obrigações do estado e das empresas. (...) As outras observações que devem ser feitas é sobre as dificuldades que ainda existem ao nível das economias europeias. (...) Uma delas tem a ver com a saúde financeira dos bancos e o que aconteceu esta semana com o Banco Popular mostra que há um problema com alguns dos grandes bancos europeus. A segunda grande questão é a questão do desemprego que continua com taxas elevadas, sobretudo o desemprego dos jovens, e a terceira questão tem a ver com os riscos políticos e, nomeadamente, com o facto de que provavelmente iremos ter eleições no curto prazo na Itália e que o resultado dessas eleições podem pôr em causa a integração europeia e nomeadamente a participação da Itália no projecto comum.*

ME: Mencionou o Banco Popular...A instituição bancária estava a caminho da falência e foi comprado pelo Santander por 1 euro. Como é vista esta aquisição?

Victor Ângelo: *O Banco popular é um exemplo claro de como a crise da construção e os créditos mal parados investidos em projectos megalómanos podem levar um banco à falência. O Banco Popular era um banco importante, tinha sido criado pela Opus Dei, (...) baseava as suas operações numa rede de influências, concedeu imensos créditos com base em relacionamentos, em influências, em amizades e evidentemente esses créditos foram investidos em projectos da construção civil que hoje se nós passarmos por Espanha e viajarmos de carro de um lado ao outro, vemos centenas e centenas desses projectos. E quando eu digo centenas, não estou a exagerar, meio construídos e totalmente parados. Ou seja, foi isso que levou o Banco Popular à falência.*
A compra pelo Banco Santander foi uma compra audaciosa, mas que na realidade permite continuar a fazer funcionar a rede que estava ligada ao Banco Popular e que permitiu sobretudo introduzir um elemento de calma nos mercados bancários espanhóis.

IV.

E com o tema do terrorismo na ordem do dia... União Europeia vai doar mais de 50 milhões de euros para uma nova força africana na região do Sahel. Esta força vai ser constituída por cerca de 10 mil soldados e agentes policiais e deverá estar a funcionar já no final deste ano. Jornalista André Jegundo.

Magazine Europa Catarina Domingues
13.06.2017

A União Europeia vai doar cerca de 50 milhões de euros para a criação de uma força militar de combate ao terrorismo na região do Sahel.
A nova força conjunta, composta por cerca de 10 mil soldados, vai servir também para combater a criminalidade transnacional organizada e a imigração ilegal. Foi o que realçou a responsável da diplomacia da União Europeia, Federica Mogherini, na capital do Mali.
Constituída por um contingente da Mauritânia, Mali, Chade, Burkina Faso e Níger, conhecidos como o G5 do Sahel, esta força deverá começar a funcionar já no final do ano.
A região do Sahel é casa de vários grupos islâmicos, alguns alinhados com a Al-Qaeda.
Mais de 3000 soldados franceses e 12 mil da ONU estiveram estacionados no Mali desde 2013, quando houve uma insurgência militar no norte do país.
Os militantes acabariam por ser derrotados, mas a região permaneceu palco de assaltos esporádicos às forças de paz nas regiões norte e centro.
Esta é uma das missões mais perigosas que a ONU tem em mãos, com cerca de 115 membros mortos em quatro anos.
A violência também se alastrou às zonas fronteiriças.... ao Burkina Faso e Costa do Marfim, com turistas a serem alvos dos ataques.

ME: Victor, a responsável pela diplomacia da UE, Federica Moguerini, disse ainda que "a estabilidade e desenvolvimento da região do Sahel não são cruciais apenas para África, mas também para a Europa". Que impacto poderá então ter uma força destas para o continente europeu?

Victor Ângelo: O Sahel é uma região vizinha do Sul da Europa. Uma região muito próxima da Itália, muito próxima da Espanha (...) e tem sido também uma zona para onde transitam os candidatos à imigração que depois tentam atravessar o mediterrâneo, ou seja, do ponto de vista de vizinhança e do ponto de vista das migrações, o Sahel é uma zona particularmente importante para a União europeia.

ME: A União Europeia que está há anos envolvida na estabilização do Mali, numa das missões mais perigosas da organização. Em termos práticos, que contributo tem sido dado pela Europa neste país?

Victor Ângelo: A situação do Mali levou à intervenção de forças europeias não só no Mali mas também no Sahel. (...) Nós temos assistido, apesar da presença das forças europeias, a um agravamento das condições de segurança em toda a zona do Sahel, e nomeadamente no Mali, em Burkina Faso, no Níger e agora também na Mauritânia e no sul da Argélia, sem esquecer evidentemente a grave situação em que se encontra a Líbia. Este agravamento da situação levou os europeus a pensar que uma presença europeia na região não seria suficiente. Era importante

constituir uma força armada a partir dos países da região e, por isso, neste momento há um esforço muito grande da parte dos europeus para fazer com que a Mauritânia, o Mali, o Chade, o Burkina Faso e o Níger ponham em conjunto um certo número de militares e constituam uma força operacional que possa combater o terrorismo.

ME: E quais as dificuldades deste novo projecto?

Victor Ângelo: Este projecto é um projecto extremamente ambicioso e, em certa medida, para quem conhece bem a região, um projecto com muitas dificuldades para ter sucesso, na medida em que a maioria dos militares destes países não têm condições operacionais, não têm motivação, não têm meios de combate, não estão organizados como deve ser, não têm preparação militar, ou seja, é preciso fazer tudo de raiz e isso vai exigir um investimento muito grande.

ME: E de que forma é organizado este combate aos militantes no deserto? Que meios têm sido usados para ter resultados positivos?

Victor Ângelo*: Há dois meios que são fundamentais neste momento, mas não são suficientes. Esses dois meios são a utilização de drones, por um lado, e a utilização de helicópteros. Quer um quer o outro estão fortemente nas mãos dos europeus e nomeadamente nas mãos dos franceses. (...) A transferência da possibilidade operacional deles utilizarem drones e helicópteros não é muito grande, até porque eles não têm neste momento condições financeiras para fazer voar os helicópteros (...) e os drones exigem custos elevados. (...) Por outro lado, nós temos ainda a ideia de que muitos destes grupos terroristas que operam no Sahel, operam no deserto e nas montanhas inóspitas, que separam o norte do Mali da Argélia, por exemplo, mas a realidade é que há neste momento uma infiltração muito grande de elementos radicais e extremistas nas zonas mais a Sul do Sahel, ou seja, nas zonas em que as populações são sedentárias. Assistimos nessas zonas a penetração de pregadores radicais que se instalaram no meio das populações, ou seja, vai ser muito difícil fazer a destrinça entre esses pregadores e as populações e isso exige um trabalho de inteligência, um trabalho de polícia, que neste momento não está previsto nesta operação, neste projecto que a União Europeia vai por em funcionamento.*

V.

E fechamos a edição de hoje com uma nota cultural:
A exposição "Bread and Roses", uma parceria entre o Instituto Sindical Europeu e as Edições Meta-Morphosis, abre as portas esta quinta-feira, dia 15, em Bruxelas.
Trata-se de uma selecção de posters sindicais imaginários dos anos 2036 e 2037. Os trabalhos integram um livro com o mesmo nome, também a ser lançado nesse dia.
Para entender este nome, é preciso recuar até à noite de Ano Novo de 1912, quando trabalhadores do sector têxtil de Lawrence, Massachussets, fizeram greve. Uns dias antes uma nova lei aprovada reduzia o horário laboral de 56 para 54 horas para mulheres e menores de 18 anos. Previa-se também um corte salarial.

A acção ficou conhecida como Greve 'Bread and Roses'. "Bread" que quer dizer pão, simbolizava a lei laboral, "roses" significa rosas - representava a exigência de melhores condições de vida.
O livro Bread & Roses narra a história do movimento sindical belga. Está dividido em duas partes: a história das lutas sociais e sindicais no país. Trata-se também de um exercício de imaginação, que levou 40 artistas belgas e de outros países a fantasiar o futuro dos posters sindicais.
A exposição realiza-se até 7 de Julho no Centro de Documentação do Instituto Sindical Europeu.
Até para a semana.

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.